

Recebido em ago. 2015
Aprovado em out. 2015

ARTE ENQUANTO SUPERAÇÃO DO NILISMO E ABERTURA DO SER: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE NIETZSCHE E HEIDEGGER

JÉFERSON L. AZEREDO *

RESUMO

O percurso empreendido, a partir da compreensão do encontro entre Heidegger e Nietzsche, tem no engendramento da arte a performatização da vontade de poder, uma transparência geradora de verdade, esta, precisa ser concebida a partir do artista (não se encerrando nele), mas, que faz entender o próprio ser-aí numa superação niilista. Trata-se de uma leitura heideggeriana, que se desvia da arte enquanto coisa-que-se-faz (útil), aproximando-se mais de Nietzsche, especialmente no período da “Verdade de Poder como Arte”, em que herda uma desconfiança a todo modo de pensar, que desvaloriza o mundo concreto em nome de outro mundo pensado.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Verdade. Niilismo. Nietzsche. Heidegger.

* Professor de Filosofia na UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC. Pesquisador do grupo Heidegger e Hölderlin na UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC.

ABSTRACT

The route undertaken, from the understanding of the encounter between Heidegger and Nietzsche, contains the art of engendering the adaptation of will power which stands as a true transparency generator needing to be designed from the artist, not in conclusion, but in making oneself understood, thereby overcoming a nihilist. It is a Heideggerian view, which deviates from art as something useful, that moves closer to Nietzsche, especially during “Power of Truth as Art”, which inherits a total mistrust of thinking and devalues the real world on behalf of other world thought.

KEYWORDS

Art. True. Nihilism. Nietzsche. Heidegger.

TERRA, MUNDO, ESTÉTICA MASCULINA

Toma-se como referências básicas para este trabalho, os cursos sobre Nietzsche oferecidos por Heidegger, de 1936 a 1946, e reunidos em dois volumes, sendo segundo apenas publicado em 1962. Também será utilizado o livro “A Origem da Obra de Arte”, também de Heidegger e “Vontade de Potência” e “Crepúsculo dos Ídolos” de Nietzsche. Para tanto, será necessário esclarecermos a compreensão que Heidegger tem sobre “terra” e “mundo”, bem como, a partir das leituras dos textos que ele faz de Nietzsche, quanto ao conceito de Grande Estilo, relacionando-o a embriaguez como estado estético (a saber, são títulos do curso de 1936, da “Vontade de Poder como Arte”) necessários à arte.

Para engendrar este raciocínio, relacionaremos arte ao conceito de belo – não numa leitura hegeliana (uma estética conceitual bem diferente da posição de Heidegger), bem como ao niilismo consumado (posição assumida por Nietzsche), um niilismo tal que supera a própria ideia de niilismo mais consensual (Europeu) no qual desvaloriza a terra, o mundo e consequentemente a própria experiência humana (NIETZSCHE, 2011), ou ainda, um niilismo que tem como hipótese “que absolutamente não existe verdade” (NIETZSCHE, 2011b, p. 140).

Estas leituras são feitas em referência à compreensão nietzschiana de uma estética masculina – do artista, mesmo parecendo estranho, pois numa leitura mais panorâmica o que sempre opera como afirmação é de um aparente rebaixamento do ser

humano, sempre há uma espécie de anunciação de outro ser por vir... Mas, é este, este agora ser humano, que pode e é o que carrega a vontade de poder, que porta a vida que cria. A arte é a forma criada desta vida que se afirma contra o niilismo, podendo ser mais do que o próprio conhecimento, pois se o conhecimento dá uma resposta à realidade, a arte neste entendimento serve para uma ficção, e toda vida tem impulso de ficção, de intensidade, de vivências. O artista serve ao próprio devir, ou seja, aqui será abordada a visão de Nietzsche de uma arte que não é preferencialmente em função do âmbito estético dos artistas, embora possa parecer numa primeira leitura, mas a partir de um todo querer que se abra a partir do artista “abre perspectivas e as controla” (HEIDEGGER, 2003, p. 502).

ESTADO ESTÉTICO: A EMBRIAGUEZ DO HOMEM

A leitura que Heidegger faz de Nietzsche, no livro Nietzsche I (2010), parece estabelecer que a estética é um “estado estético” (HEIDEGGER, 2010, p. 84), relacionada a uma modificação física-espiritual (especialmente abordado por Heidegger (2010), na secção intitulada “A embriaguez como estado estético”), caracterizada por um estímulo realizado pelo sentimento que foca o objeto, “no qual nossa existência se agita” (HEIDEGGER, 2010, p. 48). O sentimento aqui é a “elevação de força e de plenitude” (NIETZSCHE, 2006, p. 123). Se assim o é, a arte necessita de uma condição fisiológica do modo de um sentimento para se efetivar. O sentimento da embriaguez é essa condição. Antes da embriaguez propriamente dita, é o estatuto de sentimento que

condiciona a possibilidade da arte, e, antes do sentimento, é o corpo e suas condições fisiológicas, que fundamentam o todo. O que é necessário para este elemento, corpo, ter as condições necessárias para o sentimento estético?

Se o mais condicionante até então é uma relação idealizadora, agora com Nietzsche, temos uma filosofia do futuro, uma fidelidade ao sentido da terra/corpo (NIETZSCHE, 2004). Aqui está uma inversão do platonismo, uma vez que o platonismo afirma o suprassensível como o ente propriamente dito, e agora há a afirmação do sensível como verdadeiro, como “aquilo que é o âmbito fundamental para a refutação da existência” (HEIDEGGER, 2010, p. 146). Portanto, é na relação da terra e a partir dela, que há a modificação estética necessária à arte, o corpo é outro sendo ele mesmo, podendo-se estabelecer até mesmo que arte é, portanto, verdade, pois é um princípio da vontade; É uma figura da Vontade de Poder (HEIDEGGER, 2010, p. 111); Volta-se ao sujeito, a “arte é o estimulante da vida”, aqui uma inversão de Schopenhauer (HEIDEGGER, 2010, p. 29).

Na estimulação da vida, do caminho do corpo, da fisiologia modificada, não se rebaixa a arte ao plano do funcionamento corporal, mas como uma relação de um corpo agora alterado. Posso chamar assim de um novo-meu-outro-corpo. Portanto, não se estabelece a fisiologia como parâmetro final, mas como produtora do objeto: arte (HEIDEGGER, 2010, p. 87), é um estado sentimental do homem que produz arte; Sentimento corpo, sentimento psíquico, produto arte.

Qual a relação necessária do corpo que permite esta modificação?

Só o “vivente” é capaz de realizar “como que naturalmente e conforme à natureza” a estética. Em relação a esta natureza vivente, Heidegger analisa os dois últimos textos de Nietzsche, justamente porque eles apresentam uma maior clareza a estas questões, e publicadas pelo próprio Nietzsche no “O Crepúsculo dos Ídolos”, obra de 1888, assim, destacando-se que o estado alterado (embriaguez) pode ser “condicionada, disparada e promovida” (HEIDEGGER, 2010, p. 89), enriquecendo a própria plenitude do homem (artista), possibilitando a arte como explosão, portanto uma força natural, uma manifestação da Vontade de Poder; “Neste estado, o ser humano transforma as coisas até espelharem seu poder – até serem reflexos de sua perfeição. Essa necessidade do ter que ‘transformar no que é perfeito, é arte’” (NIETZSCHE, 2006, p. 68), e só o é pela possibilidade fisiológica: embriagada.

Esta condição pode ser dada pela “excitação sexual”, de uma “festa”, de um “combate”, “bravura”, “vitória”, “movimentos extremos”, “crueldade”, “destruição”, “condições meteorológicas”, “estado primaveril”, “sob influência de narcóticos”, “da vontade” (HEIDEGGER, 2010, p. 89). Numa leitura aparentemente mais genérica, o que podemos estabelecer, é que nenhuma alteração se dá no conforto, no equilíbrio, no estado pacificado e realizado, há sempre uma projeção, um querer ser. Para tanto, o sentir é alterado, novo.

No estado de embriaguez, do corpo alterado, o sentir é essencial, não sendo afeto (este passa) e não sendo paixão (pois esta “não conhece a curiosidade” (HEIDEGGER, 2010, p. 94)). Não é fazer do corpo ou do sentir um estágio anterior (ou “pavimento inferior”), mas estabelecer a ligação entre o sentir-se e o ser. Esta ligação do sentir e do corpo, estabelece uma problemática que se evidencia na pergunta pelo ser; O sentimento e o sentir implicam na existência, que se mostra a partir do “Grande Estilo”, pois é “o mais alto sentimento de poder e segurança” (NIETZSCHE, 2006, p. 70) – trata-se do “modo de ser fundamental de nosso ser-aí” (HEIDEGGER, 2010, p. 92). Muito diferente de não estar junto de si, em situações como estar bêbado de volatilidade, a embriaguez lança para além-de-si, numa relação com o ente mesmo, “mais plenamente ente, mas rico, mais transparente, mais essencial” (HEIDEGGER, 2010, p. 93), um ser-afinado em uma tonalidade afetiva; Uma “corporificação envolvida na afinação” (HEIDEGGER, 2010, p. 97). Mas por que é necessário uma afinação?

O que está em jogo é uma afinação ou sintonia na correlação ente-Dasein e mundo, isto é, a tonalidade afetiva é reveladora do modo como as coisas estão transcorrendo com o homem e não um mero modo subjetivo ou estado de sentir quaisquer. É a tonalidade afetiva que nos sintoniza com o mundo, assim afinamos, o que Heidegger nos propõe é que as tonalidades afetivas consistem em um fenômeno existencial fundamental – um modo de ser do Dasein - e, isso implica em dizer que elas não são somente alterações

fisiológicas ou estados subjetivos, ou ainda, alterações qualitativas de um sujeito, mas sim que elas nos revelam diretamente nossa existência, nos colocam a disposição (MOUTINHO, 2000). E na arte aparecem afinadas, na sua maior afinação: a forma (exposto no item que se subseguirá).

Assim, é na corporificação que se vê uma aparência rendida, o artista é “o único sujeito verdadeiramente existente que celebra sua redenção na aparência” (NIETZSCHE, 2000, p. 47) – redenção da força apolínea em uma realização de aparência, que para nós trás ao mundo belezas.

Aqui nesta parte, em que a embriaguez é citada, não será exposto o que Heidegger já anuncia, que é uma distinção do que também está por detrás da embriaguez, a saber, o sonho e o encantamento, designados com os termos apolíneo e dionisíaco, “forças artísticas da natureza” (NIETZSCHE, 2000 - n.1050). Aparecem no Nietzsche mais jovem como oposição em sentido metafísico schopenhaureano, expressamente na obra “O Nascimento da Tragédia”, e no velho Nietzsche, em “Vontade de Potência” e “O Crepúsculo dos Ídolos” diferentemente.

O que procuramos apontar para nossas relações neste trabalho é que na embriaguez, há afinação em relação ao ente na totalidade, que por sua vez determina o estar afinado, produz arte enquanto verdade. Nesta afirmação, que se opõe a Kant, do “deleite desprovido de todo interesse” (HEIDEGGER, 2010, p. 99) – cabe ressaltar aqui que Heidegger aponta que pode-se ter errôneas interpretações desta afirmação, pois o

desprovido de interesse não é o total afastamento de ligação com o objeto, mas o objeto levado ser um objeto sem interesse; ele aparece por si só.

A essência do estado estético da embriaguez fica mais clara na relação com o belo, que “se descerra na embriaguez” (HEIDEGGER, 2010, p. 103). É uma determinação de belo que parte do que se presume do sujeito, dele para com ele, o belo é uma afirmação que se denomina “livre favor”, como um interesse do mais elevado grau (HEIDEGGER, 2010) ligado a uma biologia, uma acepção da vida.

○ BELO E SUA RELAÇÃO COM O ESTADO ESTÉTICO

Se o belo é apresentado no esclarecimento da essência do estado estético (ainda aqui apontado pela embriaguez). Segundo a interpretação de Heidegger há dois “modos fundamentais de comportamento executáveis no interior do estado estético: o fazer estético e o ver estético” (HEIDEGGER, 2010, p. 105). Existe uma relação de obra e criação, é a vida em sua instância embriagada do belo produzindo a obra, deste movimento é que é possível a explosão que cria, independente de qual embriaguez, mas a partir dela, “o artista, a pouco e pouco, ama os próprios meios pelos quais manifesta o estado de embriaguez” (NIETZSCHE, 2011b. p. 436). Essa produção da vida, na arte é uma vida em intensidade, “idealizada”... é a comunicação do próprio artista – ligação interna com a beleza (HEIDEGGER, 2010, p. 107).

Entretanto, toda criação da embriaguez não está descontrolada, desconfigurada, não se deixa puramente levar, ela está ligada a traços centrais a partir de um

conjunto de linhas e estruturas que Heidegger chama de forma (HEIDEGGER, 2010, p. 108), mas que pode ser interpretado a partir de Nietzsche como a estrutura apolínea do ritmo e da métrica. A partir da forma é possível a arte tornar-se pública, aparecer, possibilitando sua leitura, ou seja, é o próprio ente trazido para o que ele é – abre-se. Trata-se, portanto, de uma embriaguez que só reage à forma. Sem forma não há leitura.

A arte têm representações que Nietzsche chama de três coisas boas “distinção, lógica e beleza” (HEIDEGGER, 2010, p. 113), essas três definições vão ao encontro do “mundo”, que Heidegger aponta na obra “A Origem da Obra de Arte” – discussão que faz a partir de uma obra de Van Gogh. Mas o que a configura, é o “Grande Estilo”, que “consiste no desprezo pela beleza pequena e curta” (HEIDEGGER, 2010, p. 114). Não há veneração em objetos úteis, apenas compreensão do seu sentido enquanto síntese histórica, enquanto “mundo”. A veneração é uma explosão que só aparece no Grande Estilo, dele se eleva o poder. Eis porque a arte é acima do conhecimento.

Coincide-se então: uma fisiologia que exige o artista-corpo, a embriaguez deste, uma explosão que não encerra em nenhuma decisão, o Grande Estilo, para só então configurar-se o movimento opositivo ao niilismo.

E NILISMO CONSUMADO, REAÇÕES AO PRÓPRIO NILISMO

O estado estético possibilita uma ideia de contramovimento ao niilismo (HEIDEGGER, 2010, p. 85), não como revolucionário, compreendido como esclarecimento universal/radical, termo que adentrou

a Rússia e que pode ser visto a partir da obra de Ivan Turgueniev, “Pais e Filhos” (1862, em que Bazárov, co-protagonista do romance, “numa espécie de rebeldia que não se inclina a nenhuma autoridade nem aceita nenhum princípio sem exame” (HEIDEGGER, 2010, p. 66)); Ou ainda um niilismo passivo – Europeu – que vive de pequenos prazeres, um “mero estado de fato relativo ao seu presente mais imediato” (HEIDEGGER, 2010, p. 26). Mas sim, um niilismo consumado, em que ele mesmo, Nietzsche, se denomina o primeiro, pois não apenas nega os valores, mas coloca outros (valores supremos) a partir de um principio criador: a terra.

Com base na leitura do ensaio “A determinação histórico-ontológica do Niilismo” (NIETZSCHE - v. II. 2007) de Heidegger, verificamos a definição de niilismo “no sentido de que no fundo nada se dá “com o ente enquanto tal” (HEIDEGGER, 2007, p. 256). Com isso, o niilismo não é sintoma de uma época, movimento social ou uma específica visão de mundo, mas um acontecimento-apropriativo na história do ser, entendendo que o ocidente estabeleceu nas suas investigações filosóficas a fundamentação a partir da ligação do ente ao seu ser, e não do ser mesmo. Com esta verificação, Heidegger indica o esquecimento do ser envolvido na história da filosofia, qual foi determinada por um modo específico de pensar que está fundamentado a partir do ser do ente: o pensar metafísico. Assim sendo, compreendemos o niilismo comparece em Heidegger correlacionado ao abandono do ser na historia da metafísica que no seu construir deixou de ser até uma mera lembrança. Porém, se “a

pergunta sobre a essência do niilismo busca, justamente o fato do modo como o niilismo é uma história que diz respeito ao próprio ser” (HEIDEGGER, 2007, p. 260), o estudo suscita uma primeira verificação no modo interpretativo do ser como valor, afirmado por Nietzsche, visto que essa ‘entificação’ do ser pensou o niilismo positivamente enquanto a verdade do ente entrelaçado à vontade de poder a partir do eterno retorno do mesmo, sendo a essência do ente tratada como a vontade de poder enquanto vontade instauradora de valores e o eterno retorno como caracterizador da existência do ente enquanto tal na totalidade. No entanto, pela vontade de poder se “essencializar” como ser existente a partir do eterno retorno, os valores instaurados concernem à máxima onticidade do ente. Em decorrência disso, o ser é avaliado como valor, o que permite a Nietzsche dizer: o ser é uma ficção. Esta afirmação indica que o ser é uma construção intrínseca ao campo dos entes, podendo ser julgado a partir da elevação de vida. A vontade de poder, assim pensada, nega os valores até então arquitetados, mostrando a sua permanência não-fundante desde o início em que se tentou instaurar qualquer princípio, com isso, Heidegger ressalta que “essa negação positiva dos valores até aqui, que estabelece o princípio da instauração de valores, é o traço fundamental do niilismo metafísico que Nietzsche pensa enquanto filosofia do futuro” (HEIDEGGER, v. II, 2007, p. 193).

No niilismo consumado de Nietzsche, o pensamento rememora, é um voltar atrás da metafísica, que procura se enraizar no solo do início do pensamento

ocidental. Porém, o impulso fornecido por esse pensar já é aquilo que deve ser pensado, o ser mesmo. Não esquecendo que não é o pensamento que atinge o ser, mas é o ser que o atinge e nesse atingir leva o pensamento a um salto para corresponder ao próprio ser.

ARTE E SUA RELAÇÃO ENTRE MUNDO E TERRA: A ORIGEM DA OBRA DE ARTE

Numa compreensão ontológica “mundo” é um espaço de possibilidades e de relações que uma cultura abre com suas escolhas e decisões sobre a vida e a morte, o sagrado e o mundano etc. Em cada época da história, há vários mundos e várias culturas. Mas o mundo nasce de um lugar, de um espaço onde já estava presente a natureza (INWOOD, 1999). O mundo só reúne as vias e as relações, porque o homem se atém, se relaciona com o que está presente. A natureza não significa somente um espaço físico que está aí, o homem está inserido nela, os dois se dão juntos. Assim, o homem se relaciona com a natureza, quer dizer, se familiariza com o seu espaço, e a partir daí faz nascer o mundo. A arte “não se acha submetida apenas a regras, ela não tem apenas leis a seguir, mas ela é mesma em si legisladora, e somente como tal é verdadeiramente arte” (HEIDEGGER, 2010, p. 119).

O mundo tende ao desvelamento e a terra ao ocultamento, mas eles nunca se dão separados, eles estão reunidos na obra. Dessa maneira, a obra é considerada como a instalação de um mundo e a elaboração de uma terra.

A obra abre à verdade, o mundo de um determinado contexto que está inserido numa terra.

Mostra que uma coletividade possui um determinado modo de se revelar, dançando com fantasias, girando, criando uma nova forma, uma nova linguagem para mostrar isso que se é.

Os dois conceitos “terra” e “mundo” são trazidos por Heidegger com o intuito de afastar-se da concepção tradicional de coisa como uma matéria dotada de uma forma, pois nesta concepção a coisa é concebida para um determinado fim e a obra não possui uma serventia como um utensílio por exemplo. Por isso, Heidegger prefere manter afastada essa concepção de coisa e deixá-la no seu ser-coisa, ou seja, deixar o ente ser apenas o ente que é. Isto significa deixar a obra ser obra. E o ser-obra da obra consiste no combate que se dá num levantar ou instalar um mundo e elaborar a terra.

CONCLUSÕES

O próprio questionamento estético de Nietzsche explode até seu limite, pois sua estética não é superada, pois provoca uma mudança ainda mais nova de nossa existência e do nosso saber. Portanto é uma preparação, é uma determinação do ser do ente. “É o modo essencial como os entes são criados para serem entes” (HEIDEGGER, 2010, p. 120).

Se as perguntas centrais são: o que desperta o ente como ente, e até que ponto a arte é vontade de poder?

É o ser-aí (Dasein), imerso numa realidade, um ente que encontra o Ser, não pela morte que o pode restituir, mas pela arte; uma existência possibilitada pela habitação artística (poética – especificamente) nesta terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

_____. **Nietzsche II**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

_____. *A Palavra de Nietzsche: “Deus está morto”*. Tradução de Marcos Antônio Casanova. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 5(2): 471-526. jul-dez. 2003.

INWOOD, Michael. **A Heidegger Dictionary**. Oxford-Malden: Blackwell, 1999.

MOUTINHO, Ilda Maria F. **Ocupação e Disposição em Sein und Zeit**: fontes aristotélicas. Recife: dissertação de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofa com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2000. 2a. ed.

AZEREDO, JÉFERSON L. **ARTE ENQUANTO SUPERACÃO DO NILISMO
E ABERTURA DO SER: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE NIETZSCHE E
HEIDEGGER.** P. 277-292.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Vontade de Potência.**
Trad. Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro:
Petrópolis; Ed. Vozes. 2011b.